

O REFERENCIAL TEOLÓGICO DO DOCUMENTO DE APARECIDA*

*Geraldo Luiz Borges Hackmann***

Resumo

O artigo faz uma leitura teológica do Documento Conclusivo de Aparecida. Inicia com algumas observações preliminares, a fim de situar o leitor no contexto da V Conferência. Segue destacando alguns temas-força, para, depois, apontar alguns aspectos de teologia do Documento, finalizando com a proposta de um itinerário formativo para os discípulos missionários no Continente latino-americano e a continuidade com as Conferências anteriores.

PALAVRAS-CHAVE: Conferência de Aparecida; Teologia; Cristologia; Ecclesio-logia; CELAM.

Abstract

The article presents a theological viewpoint of the Conclusive Document of Aparecida. It begins with previous comments in order to introduce the reader into the context of the Fifth Conference. After are emphasized some key-subjects and indicated some theological aspects of the Document. At the end is offered a proposal to prepare missionary disciples in Latin America and continue the former Conferences.

KEY WORDS: *Conference of Aparecida; Theology; Christology; Ecclesiology; CELAM.*

A quinta Conferência do Conselho Episcopal Latino-americana (CELAM) aconteceu em Aparecida, São Paulo, de 13 a 31 de maio de 2007. O Santuário Nacional de Nossa Senhora Aparecida, padroeira do

* O presente artigo retrata, em parte, palestra proferida na Semana Teológica do ITESC, em Florianópolis, no dia 5 de setembro de 2007.

** Doutor em Teologia. Professor da Faculdade de Teologia da PUCRS. Perito da Conferência de Aparecida.

Brasil, serviu de local para que os 265 delegados pudessem refletir e debater a realidade da evangelização da América Latina e do Caribe. Sob o manto protetor da Aparecida, a mãe de Deus, de acordo com o desejo do Papa Bento XVI, ao decidir o lugar onde a Conferência aconteceria, os trabalhos se desenvolveram com o intuito de fazer daquele Encontro uma ocasião para a Igreja do Continente pudesse ter um novo impulso missionário.

1 Observações preliminares

1.1 A preparação da V Conferência

Uma pergunta prévia é sobre o motivo desta nova Conferência, em relação às outras anteriores. Medellín, em 1968, quis ser a aplicação do Concílio Ecumênico Vaticano II para a América Latina, enquanto Puebla, em 1979, intentou aplicar a *Evangelii Nuntiandi*. Santo Domingo, em 1992, celebrou os 500 anos da evangelização do Continente. A resposta da pergunta é a situação nova vivida pela Igreja da América Latina e do Caribe, passados quinze anos da última Conferência, pois a Igreja vive realidades novas e enfrenta desafios novos, aos quais ela deve dar uma resposta. Isto porque não apenas aconteceram mudanças em nossa época, mas a época está mudada.

O tema escolhido para a Conferência foi o seguinte: Discípulos e missionários de Jesus Cristo para que nossos povos nele tenham vida. “Eu sou o caminho, a verdade e a vida” (*Jo* 14,6). O tema, portanto, tem um centro profundamente cristológico: a vida de Jesus Cristo. Ele aponta para a sua missão salvífica, que, através de sua morte e ressurreição, resgatou a humanidade do pecado e trouxe uma nova vida para todas as pessoas, a de filhos de Deus, salvos pelo seu sangue redentor. E é esta vida que a Igreja da América Latina e do Caribe quer impulsionar e defender.

A quinta Conferência foi precedida por uma longa preparação, que contou com diversas iniciativas visando estabelecer um verdadeiro processo de participação, a fim de que o evento tivesse relevância para a Igreja da América Latina e do Caribe. O processo de preparação contou, inicialmente, com o lançamento do *Documento de Participação*,¹

¹ CELAM e CNBB, *Rumo à V Conferência do Episcopado da América Latina e do Caribe. Documento de Participação*. São Paulo: Paulinas e Paulus, 2005. O mesmo documento se chamou, antes, de *Documento de Consulta*.

apresentado para ser debatido em todas as 22 Conferências Episcopais do Continente. A ele somaram-se seminários, congressos, reuniões e encontros, realizados, a maioria, ao longo do ano de 2006. Em janeiro de 2007, o CELAM publicou o *Documento de Síntese*² que recolheu todo o processo de participação, especialmente as sínteses dos estudos de cada país, a partir do documento de consulta.³

A Conferência foi, sem sombra de dúvida, para seus participantes, uma verdadeira experiência de Igreja, onde foi possível perceber a riqueza da América Latina e do Caribe, com suas semelhanças e diferenças. Todos os membros da Conferência retornaram diferentes para suas Igrejas Particulares de origem e para suas casas, devido ao sentimento comum de que lá se fazia uma autêntica e viva experiência de que é o Espírito Santo quem guia a Igreja, conforme já o Vaticano II afirmava (cf. *Lumen Gentium* 4).

1.2 *A metodologia dos trabalhos*

O processo de realização⁴ da IV Conferência passou por vários passos. Na primeira semana, iniciou com a abertura feita pelo Papa Bento XVI, tanto na Santa Missa de inauguração da V Conferência⁵ quanto na abertura dos trabalhos,⁶ seguida pelo depoimento de todos os presidentes das Conferências Episcopais da América Latina e do Caribe e dos representantes dos diversos organismos do Vaticano. Também tomaram a palavra os convidados presentes na Conferência, assim como os observadores não-católicos. As colocações foram muito interessantes, porque oportunizaram uma visão da realidade plural do nosso Continente, dando destaque aos problemas de imigração, de

² CELAM E CNBB, *Síntese das contribuições recebidas para a V Conferência Geral* (Coleção Quinta Conferência). São Paulo: Paulinas e Paulus, 2007.

³ As contribuições do Brasil foram recolhidas em CNBB, *Síntese das Contribuições da Igreja no Brasil à Conferência de Aparecida*. Brasília: CNBB, 2007.

⁴ Todo o processo dos trabalhos da V conferência encontra-se em CONSEJO EPISCOPAL LATINOAMERICANO (CELAM), *Manual del participante*. Aparecida: Santuário, 2007.

⁵ Cf. PAPA BENTO XVI, Homilia na Santa Missa de inauguração da V Conferência Geral do Episcopado da América Latina e do Caribe na praça em frente ao Santuário de Aparecida (13 de maio de 2007). In: *Pronunciamentos do Papa Bento XVI no Brasil*. Brasília: Edições CNBB, 2007, p. 49-55.

⁶ Cf. PAPA BENTO XVI, Discurso na Sessão inaugural dos trabalhos da V Conferência Geral do Episcopado da América Latina e do Caribe, na sala de Conferência do Santuário de Aparecida (13 de maio de 2007). In: *Pronunciamentos do Papa Bento XVI no Brasil*, p. 56-76.

promoção da vida humana e da família, da necessidade de formação e de estabelecer um programa de missão.

Na segunda semana, aconteceu a constituição de oito comissões, para o estudo do tema geral da Conferência, além da decisão se da Assembléia iria ou não emanar uma mensagem final e um documento. A partir dos relatórios desses trabalhos, foi organizado um esquema de ação, que, após a apresentação à Assembléia pela Presidência, foi aceito, com sugestões acrescentadas pelos participantes – por volta de 265 – da Conferência. Então, foram criadas sete Comissões, subdivididas em dezesseis subcomissões.

Cada participante apontou três preferências para participar de uma subcomissão. Feita a distribuição, onde cada subcomissão contava com a presença de um perito, os trabalhos constaram em desenvolver o tema que lhe coube e apresentar um relatório. Esta foi a origem da primeira redação do documento, que, após a revisão feita pela Comissão de Redação, deu origem à segunda redação. Essa nova redação foi apresentada ao plenário, que teve tempo para ler e apresentar emendas. Foram encaminhadas 2.440 emendas, que, após a análise de cada uma, sendo ou não integradas, possibilitaram a terceira redação do documento final.

A terceira redação foi apresentada à Assembléia, no dia 27 de maio. Após a leitura do texto, abriu-se a possibilidade de novas contribuições, mas, desta vez, a proposta deveria ser apresentada com a assinatura de sete presidentes das Conferências Episcopais. Após a leitura, poderiam ser apresentadas novas emendas, desde que referendadas pela assinatura de sete Presidentes das Conferências Episcopais. A votação de cada uma das quinze emendas aconteceu na sessão do dia 30 de maio. No dia seguinte, foi apresentada, durante a cerimônia de conclusão dos trabalhos da V Conferência do CELAM, a quarta e última redação do documento final, que foi aprovado. No dia 11 de junho, o texto foi apresentado ao Papa Bento XVI, para a sua aprovação. O texto conclusivo foi oficialmente aprovado e publicado no dia 29 de junho de 2007, na solenidade dos santos Apóstolos Pedro e Paulo, em carta dirigida ao Episcopado da América Latina e do Caribe.

As fontes para o conteúdo do documento final foram as seguintes: a) O discurso do Papa Bento XVI, na inauguração da V Assembléia do CELAM, no dia 13 de maio; b) o documento de Síntese, fruto da consulta ampla feita no período de participação em resposta ao documento de consulta; c) as contribuições dadas nos pronunciamentos

dos Presidentes das Conferências Episcopais, dos representantes dos organismos do Vaticano e a Síntese dos grupos de trabalho.

1.3 *Uma Conferência otimista e integradora*

O otimismo foi uma opção, no sentido de destacar o que existe de positivo na vida da Igreja do Continente, sem fechar os olhos para o negativo. Olhar as luzes e as sombras. Esta atitude foi fruto do discurso inaugural da Conferência, que frisou a Boa-Nova a ser anunciada e a necessidade de a Igreja colocar-se em missão. Tal foi o clima vivido pelos membros da Conferência durante os trabalhos.

Aparecida foi uma Conferência que integra e não separa. Penso que se possa afirmar ter ela alcançado um novo equilíbrio, a partir da superação de radicalismos das leituras que se seguiram após as Conferências de Medellín e Puebla e, muitas vezes, por causa disso, da tensão com a Igreja Universal.

Em Aparecida, temos uma Igreja que procura se reequilibrar. A impressão é de que o tempo das oposições está passado e se chegou a uma harmonia madura entre questões antes consideradas antagônicas, com uma abordagem serena dos problemas e desafios. Assim, convivem, por exemplo, pastorais e movimentos, CEBs e Novas Comunidades. A Igreja entendida como Sacramento não se dissocia da Igreja Missão. O resultado foi o aprofundamento da identidade da Igreja e/ou de sua autocompreensão.

2 Temas-força

2.1 *Discípulos missionários, sem “e” e sem “hífen”*

Sem “e” significa que não são dois aspectos separados, enquanto sem “hífen” significa que não são dois elementos simplesmente iguais. São, sim, as duas caras da mesma moeda: um verdadeiro discípulo é missionário e o verdadeiro missionário é discípulo. Nesse sentido, se aprofundou a compreensão do discipulado, que implica, necessariamente, a missionariedade, indicando que ambos os elementos fazem parte do mesmo processo de seguimento de Jesus, fruto da conversão.

Estas são, também, as duas palavras-chaves para interpretar o lema e o Documento final: discípulos e missionários. Não basta ser discípulo de Jesus Cristo nesta hora do Continente, mas é necessário ser missionário. A Igreja da América latina e do Caribe necessita de seguidores de Jesus Cristo que sejam verdadeiros missionários, pois a realidade

eclesial aponta para a necessidade de evangelizadores, a fim de que a fé, trazida pelos primeiros missionários, não desapareça, mas cresça e se multiplique. A Igreja deverá fazer tudo o que estiver ao seu alcance para reverter a situação atual de descrença e abandono da Igreja, para que o Continente latino-americano não perca a sua característica cristã, que nasceu sob o signo da cruz redentora e da devoção mariana. Aqui se formou uma cultura cristã, que o torna o continente da esperança para os outros povos do mundo, por causa da sua fé viva.

2.2 A vida em geral, plena e integral

Uma idéia-força perpassa todo o Documento: a vida. Esta interpretada, não só do ponto de vista biológico, mas como um dom de Deus a ser preservado e defendido. A frase bíblica de *Jo* 10,10 (“Eu vim para que tenham vida e a tenham em abundância”) foi a fonte inspiradora das três partes em que foi dividido o Documento final, bem dentro do espírito do tema da V Conferência.

A ordem dos capítulos e os títulos, em sua totalidade, comprovam esse tema-força. As três partes do documento estão pensadas a partir do tema da vida: I – A vida de nossos povos hoje; II – A vida de Jesus Cristo nos discípulos missionários para anunciar o Evangelho de Jesus Cristo; III – A vida de Jesus Cristo para os nossos povos. A vida é a vida trazida por Jesus Cristo para todo ser humano, tanto do ponto de vista biológico quanto salvífico. Para tal, ele necessita de respeito e de ser considerado em sua totalidade, em todas as suas dimensões. E precisa ser defendida, desde a sua concepção até ao seu fim natural. Para a vida vingar e ser defendida, é preciso ser vivido o amor cristão, sem esquecer ninguém.

2.3 Uma Igreja missionária

A Igreja, na América Latina, não só toma consciência de sua identidade, que é evangelizar, mas assume-o como sua tarefa prioritária. Ela não anuncia a si mesma, mas a pessoa e a obra de Jesus Cristo, de acordo com a indicação da *Evangelii Nuntiandi*. José Comblin faz uma crítica ao trabalho de evangelização da Igreja, defendendo a tese de que a Igreja anuncia a si mesma e não Jesus Cristo.⁷ Nesse sentido, Aparecida destaca a centralidade da pessoa e da obra de Jesus Cristo na

⁷ Cf. COMBLIN, J. Olhando para o horizonte. *Revista Eclesiástica Brasileira*, fasc. 260, p. 831-857, (out. 2005).

tarefa evangelizadora, anunciando a sua pessoa, de acordo com a definição de evangelização trazida pela Exortação Pós-sinodal de Paulo VI sobre a evangelização no mundo contemporâneo, visto que a evangelização é a vocação própria da Igreja, quando não há separação entre a Igreja e a evangelização, porque ela é inseparável de Cristo (*Evangelii Nuntiandi* 17, 14 e 16).

Uma Igreja voltada para a missão foi uma das reivindicações que se percebia em artigos e palestras, antes da realização da Conferência. Em Aparecida, está claro este intuito: a Igreja da América Latina e do Caribe deve evangelizar para reverter o quadro de esfriamento da fé e de abandono da vida eclesial e, assim, reavivar o ardor que esteve presente desde os primeiros momentos evangelizadores do nosso Continente, com a chegada de missionários. Contudo, evangelizar não só os que desconhecem a Palavra de Deus, mas a Missão Continental assume a característica de evangelizar os já batizados.

2.4 A formação

Ficou clara a necessidade de formação em geral no Continente. Os depoimentos dos Presidentes das Conferências Episcopais trouxeram a necessidade de uma formação para os Católicos em todos os níveis. Isto, aliás, não é novo, pois essa preocupação já se fez presente em outras Conferências do CELAM.

2.5 América Latina, o Continente da esperança e do amor

As palavras do Papa Bento XVI, de que a América Latina e o Caribe não devem ser apenas o Continente da esperança, mas também o do amor, ressoaram ao longo das três semanas de trabalho, a ponto de o capítulo terceiro concluir com essa exortação carinhosa e paternal do atual Papa.

Com isso, a V Conferência abriu a necessidade de apoiar as iniciativas em prol do bem comum e das atividades pastorais fruto da opção preferencial pelos pobres e de outras ações promotoras da caridade. É como diz o Papa, “a opção preferencial pelos pobres está implícita na fé cristológica naquele Deus que se fez pobre por nós, para enriquecer-nos com sua pobreza (cf. 2 *Cor* 8,9)”.⁸

⁸ BENTO XVI, Discurso na Sessão inaugural dos trabalhos da V Conferência Geral do Episcopado da América Latina e do Caribe, na sala de Conferência do Santuário de Aparecida (13 de maio de 2007) n. 3, p. 65.

3 A Teologia do Documento

Não houve um desejo de oferecer um documento acabado do ponto de vista teológico, porque o intuito pastoral estava em primeira ordem. Não se vai procurar novidade teológica ou impositões teológicas definidas, porque não serão encontradas. A teologia de Aparecida é muito mais implícita do que explícita. A Cristologia e a Eclesiologia estão subjacentes e coerentes com o pensar teológico recente, tanto mundial quanto latino-americano.

Por isso, não há uma teologia sistematizada, conforme encontramos em outros documentos do Magistério da América Latina, como Medellín, Puebla e Santo Domingo. É uma teologia que perpassa todo o Documento, que é, grande parte, subjacente, mas que está em sintonia com a tradição teológica da América Latina.

Isso ocorreu, também, por conta da metodologia escolhida para o desenvolvimento dos trabalhos ao longo da Conferência. Como nas anteriores, não se leva em conta a preparação anterior, mas se começa da estaca zero e se vai construindo o texto do documento ao longo dos trabalhos. Apesar disso, não se pode dizer que houve perda do rumo no andamento dos trabalhos, pois o *Manual del Participante* guiou os trabalhos com eficiência, além da condução gabaritada da Presidência e dos Secretários-gerais.⁹

Mas é, indubitavelmente, fruto da colegialidade episcopal dos Bispos da América Latina e do Caribe e, por isso, verdadeiro Magistério do episcopado do Continente. Assim, em sintonia com a Igreja Universal.¹⁰

3.1 A Cristologia do Documento

A Cristologia está ao longo de todo o Documento, mas se encontra no capítulo terceiro e parte do capítulo seguinte, especialmente n. 102, por explicitar, embora de forma sintética, como se entende a pessoa de Jesus Cristo. De modo geral, a Cristologia se caracteriza pela alegria de ser discípulo missionário para anunciar o Evangelho de Jesus Cristo. A alegria para anunciar o Evangelho do Reino de Deus, a Boa-Nova, a

⁹ A Presidência da Assembléia foi exercida pelos Cardeais Giovanni Battista Re, Francisco Javier Errázuriz Ossa e Geraldo Majella Agnelo. Os Secretários Gerais foram Dom Andrés Stanovnik e Dom Odilo Pedro Scherer.

¹⁰ É o que afirma, por exemplo, Dom Andrés Stanovnik (cf. <www.zenit.org>, de 30 ago. 2007).

boa-notícia. Pode-se perceber a manifestação da alegria messiânica, própria da chegada do Messias, conforme anunciado no Antigo Testamento. Essa Boa-Nova se caracteriza por ser a Boa-Nova da dignidade humana, da vida, da família, da atividade humana e do destino universal dos bens e a ecologia.

Mas é alegria não-ingênua, porque a primeira parte do Documento analisa a situação sociocultural e econômica, a dimensão sociopolítica e a biodiversidade e a ecologia, como também a “situação da Igreja nesta hora histórica de desafios”.

O discípulo missionário irá valorizar a vida, por ser ela à imagem e semelhança de Deus. O mistério do Pai e do seu amor manifesta plenamente o homem ao próprio homem e lhe descobre a sua altíssima vocação (cf. *Gaudium et Spes* 22). Há problemas enfrentados, como a vida sem sentido, o subjetivismo hedonista, a exclusão e natureza ameaçada, que põe a vida em perigo. Também dará valor à família, por ser um dos patrimônios mais importantes dos povos latino-americanos e caribenhos. É em seu seio que se descobrem os motivos e o caminho para pertencer à família de Deus, onde se ressalta que cada ser humano foi criado varão e mulher.

O Documento se caracteriza por apresentar um forte apelo ao seguimento de Jesus Cristo. Cada pessoa é chamada ao seguimento de Jesus Cristo, pois Deus chama a participar de sua vida e de sua glória. Em Jesus Cristo, o Mestre, o chamamento adquire novidade em relação aos demais mestres do tempo, que é a vinculação com a sua pessoa. O discípulo cria uma relação vital com o Mestre, a ponto de Jesus fazer seu familiar o seu seguidor.

O apelo ao seguimento conduz o discípulo missionário à configuração com o Mestre. A resposta será livre e consciente, dada por meio do Espírito Santo. A configuração¹¹ com Jesus Cristo significa assumir a centralidade do mandamento do amor, colocando em prática as bem-aventuranças do Reino. É assumir o estilo de vida de Jesus, no amor e obediência ao Pai (*Aparecida* 139). Por essa razão, o texto do Documento realça a necessidade de um encontro pessoal entre Jesus Cristo e o discípulo, para se estabelecer o processo de seguimento de Jesus.

¹¹ A tradução em Português preferiu a palavra “parecidos”, em vez da expressão tipicamente paulina “configurados”, como se encontra no original espanhol.

O discípulo missionário, configurado com Cristo será enviado a anunciar o Evangelho do Reino da vida: “Ao chamar os seus para que o sigam, Jesus lhes dá uma missão muito precisa: anunciar o Evangelho do Reino a todas as nações (cf. *Mt* 28, 129; *Lc* 24, 46-48). Por isso, todo discípulo é missionário, pois Jesus o faz partícipe de sua missão, ao mesmo tempo que o vincula a Ele como amigo e irmão” (n. 144). “Quando cresce no cristão a consciência de pertencer a Cristo, em razão da gratuidade e alegria que produz, cresce também o ímpeto de comunicar a todos o dom desse encontro” (n. 145).

Assim, pode-se afirmar estarem presentes os temas cristológicos que caracterizaram a reflexão sobre Jesus Cristo na América Latina: o tema do seguimento, do discipulado e do Reino de Deus. José Comblin¹² critica a Cristologia do Documento de Aparecida, por considerá-la não histórica, porque não cita os motivos da morte de Cristo na cruz. A essa crítica pode-se contra-argumentar que não está negado nada do tema do Jesus histórico, visto as conseqüências do pecado histórico estarem citadas, tanto na primeira parte do Documento, quanto na sua terceira parte, no capítulo oitavo, na missão dos discípulos a serviço da vida plena.

3.2 A *Eclesiologia do Documento*

O mesmo que se afirmou sobre a Cristologia pode ser dito sobre a Eclesiologia. Não foi tomada nenhuma opção determinada entre diversas possíveis Eclesiologias. Contudo, pode-se ler no capítulo quinto uma Eclesiologia de comunhão, quando aborda a “Comunhão dos discípulos missionários na Igreja”, que é o título do capítulo quinto.

O Documento entende a comunhão a partir da Santíssima Trindade, como o faz o Relatório Final do Sínodo de 1985: “Os discípulos de Jesus são chamados a viver em comunhão com o Pai (1 *Jo* 1:3) e com o seu Filho morto e ressuscitado, na ‘comunhão do Espírito Santo’ (1 *Cor* 13:13)” (n. 155). A Trindade é a fonte de comunhão da Igreja, que é uma comunidade de amor. Por essa razão, todos os discípulos missionários são chamados a viver em comunhão, pois, na sua essência, a Igreja é comunhão no amor (*Aparecida* 161).

As primeiras comunidades são exemplo para a Igreja, hoje, viver em comunhão, que não é abstrata, mas orgânica. Por isso, essa co-

¹² J. COMBLIN, *América Latina – O projeto de Aparecida*. Artigo publicado em <www.adital.com.br>, de 09 ago. 2007.

munhão se dá por meio da pertença a uma comunidade concreta. Assim, a vida comunitária se constitui em um verdadeiro desafio pastoral, no sentido de superar o traço cultural do individualismo (*Aparecida* 44), que marca a mudança de época.

A diversidade de carismas, ministérios e serviços é fruto do Espírito Santo, que guia e anima a sua Igreja (cf. *Lumen Gentium* 4), abre caminho para que circule a caridade no seio do Povo de Deus, em que “a comunhão e a missão estão profundamente unidas entre si ... a comunhão é missionária e a missão é para a comunhão” (*Christifideles Laici* 32).

O Documento aponta os seguintes lugares eclesiais para a comunhão:

- a) A diocese, presidida pelo Bispo, como lugar privilegiado de comunhão, é o primeiro âmbito da comunhão e missão, enquanto nela acontece a vida em comunidade, que é essencial para a vocação cristã. Aqui se encontra a teologia da Igreja Particular, ressaltando que ela é chamada a ser “comunidade missionária”.
- b) A paróquia, comunidade de comunidades, é célula viva da Igreja, por isso, lugar da celebração dos sacramentos e, em especial, da Eucaristia. Ela tem necessidade de renovação, a fim de se tornar missionária, além de estar convocada (*Aparecida* 173) para se tornar lugar de formação de leigos missionários.
- c) As Comunidades Eclesiais de Base e pequenas comunidades (*Aparecida* 178-180), junto com outras formas de pequenas comunidades, têm sido escolas “que têm ajudado a formar cristãos comprometidos com sua fé, discípulos missionários do Senhor, como o testemunha a entrega generosa até derramar o sangue, de muitos de seus membros” (*Aparecida* 178).
- d) As Conferências Episcopais e a comunhão entre as Igrejas, porque manifestam o vínculo de comunhão que as une entre si e, por isso, lugares de colegialidade e de união com o sucessor de Pedro. Na América latina e no Caribe, o CELAM exerce o papel de fraterna ajuda episcopal.

O Documento aponta que são os discípulos missionários quem vive a comunhão, entendendo cada um a partir de sua vocação específica:

- a) Os Bispos são discípulos missionários de Jesus Cristo, sumo sacerdote, como sucessores dos Apóstolos e servidores da santidade dos seus fiéis.
- b) Os presbíteros são discípulos missionários de Jesus Bom Pastor, que, hoje, enfrentam inúmeros desafios, entre os quais o da identidade teológica, o da missão inserida na cultura atual e situações que incidem sobre a própria existência.¹³ Realça que as comunidades necessitam de presbítero-discípulo e, à imagem do Bom Pastor, ser homens da misericórdia e da compaixão, próximos ao seu povo e servidores de todos.
- c) Os párocos são animadores de uma comunidade de discípulos missionários, onde todos os fiéis são co-responsáveis na formação dos discípulos e missionários (*Aparecida* 202). Nela deve ser superada a burocracia, e a família cristã é a primeira e a mais básica comunidade eclesial.
- d) Os diáconos permanentes são discípulos missionários de Jesus Servidor, chamados a servir, na sua maioria, pela dupla sacramentalidade do matrimônio e da Ordem.
- e) Os fiéis leigos e leigas são discípulos missionários de Jesus, Luz do mundo, com uma identidade própria, porquanto a sua missão se realiza no mundo, mas, também, chamados a participar da ação pastoral da Igreja, com o testemunho da vida e ações no campo da evangelização, a vida litúrgica e outras formas de apostolado segundo as necessidades locais e sob a guia de seus pastores.¹⁴
- f) Os consagrados e consagradas são discípulos missionários de Jesus, testemunha do Pai, e constituem um elemento decisivo para a missão da Igreja, enquanto são presença e anúncio explícito do Reino de Deus. Por isso, chamados a serem especialistas em comunhão, testemunhas da primazia do Reino em um mundo secularizado e da vida discipular.

¹³ Entre os desafios que incidem sobre a própria existência dos presbíteros, o Documento cita os ligados a aspectos vitais, à afetividade, ao celibato e o de uma vida espiritual intensa, fundada na caridade pastoral, assim como também o cultivo de relações fraternas com os demais presbíteros e os de ordem estrutural, como as paróquias muito grandes (*Aparecida* 195 e 197).

¹⁴ Segundo o Documento, os leigos necessitam de uma sólida formação doutrinal, pastoral, espiritual e um adequado acompanhamento para dar testemunho de Cristo e dos valores do Reino de Deus no âmbito da vida social, econômica, política e cultural (*Aparecida* 212).

O Documento aborda de forma positiva o tema daqueles que deixaram a Igreja para se unirem a outros grupos religiosos, no sentido de analisar o que a saída da Igreja tem a ensinar. E aponta os seguintes aspectos: a) oferecer experiência religiosa, entendida como encontro pessoal com Cristo; b) vivência comunitária; c) formação bíblico-doutrinal; d) compromisso missionário de toda a comunidade (*Aparecida* 226).

A Eclesiologia de comunhão se abre para o diálogo ecumênico e inter-religioso, compreendendo-o e motivando-o como um caminho irrenunciável para o discípulo missionário, porque expressão da “comunhão real, ainda que imperfeita” que já existe entre os que foram regenerados pelo Batismo” (*Aparecida* 228). Por isso, ele se justifica por motivos evangélicos e não sociológicos. Para tal, no seio da Igreja católica, é preciso “reabilitar a autêntica apologética que faziam os Pais da Igreja como explicação da fé” (*Aparecida* 229).

3.3 A Mariologia do Documento

Como parte do capítulo sexto, há um ponto (6.1.4) reservado a Maria, entendendo-a como discípula e missionária (*Aparecida* 266-272). Ela é apresentada como a “máxima realização da existência cristã, como um viver trinitário de ‘filhos no Filho’” e como a discípula mais perfeita do Senhor, modelo de todo discípulo missionário.

O panorama dado a essa abordagem está de acordo com a perspectiva dada à Mariologia desde o Vaticano II, que a apresenta dentro do mistério de Cristo e da Igreja e de sua participação na história da salvação (cf. *Lumen Gentium*, capítulo VIII). Daí fundamento sólido para entendê-la como “imagem acabada e fidelíssima do seguimento de Cristo” (*Aparecida* 270), quando, hoje, no Continente se quer enfatizar o discipulado e a missão. Assim, ela, como Mãe da Igreja, torna-se modelo e paradigma da humanidade.

3.4 Uma Teologia trinitária e pneumatológica

O documento não esquece a fundamentação trinitária da vida cristã. Em diversos pontos está citada a fundamentação trinitária do discipulado e da missionariedade, pois a comunhão do discípulo com o Mestre se dá em base à comunhão trinitária, por meio do Espírito Santo. É animado pelo Espírito Santo (*Aparecida* 149-153) que o discípulo missionário é enviado a anunciar o Evangelho do Reino da vida.

A Igreja, como comunidade de amor, é chamada a refletir a glória do amor de Deus (cf. *Aparecida* 159), pois tal comunhão acontece na Trindade. O seguinte texto explana bem como o Documento entende a comunhão, a partir da vida trinitária: “Os discípulos de Jesus são chamados a viver em comunhão com o Pai (*Jo* 1:3) e com seu Filho morto e ressuscitado, na ‘comunhão do Espírito Santo’ (*1 Cor* 13:13)” (*Aparecida* 155).

4 O itinerário formativo dos discípulos missionários

O Documento apresenta um itinerário para o processo de formação para os discípulos missionários. O ponto de partida é uma espiritualidade caracterizada por ser trinitária, porque uma autêntica proposta de encontro com Jesus Cristo deve estabelecer-se sobre o sólido fundamento da Trindade-Amor.¹⁵ Isso acontece, porque a experiência de um Deus uno e trino, iniciada no Batismo, permite superar o egoísmo e pôr o discípulo missionário plenamente a serviço do outro (cf. *Aparecida* 240).

O encontro com a pessoa de Jesus Cristo é o início do sujeito novo, que é o discípulo, porque provoca a fé. Os Evangelhos apresentam esse encontro de fé com a pessoa de Jesus como o início do cristianismo (cf. *Jo* 1,35-39). Esse encontro provoca uma experiência pessoal, que é o caminho para a conversão, a comunhão e a solidariedade (cf. *Ecclesia in America* 8).

Hoje, no Continente, se faz a mesma pergunta que fizeram a Jesus: “Mestre, onde moras?” (*Jn* 1,38). Por isso, há, nos dias atuais, lugares de encontro com Jesus Cristo, que são os seguintes, de acordo com o documento: a fé recebida e vivida na Igreja; a Sagrada Escritura e a Tradição, porquanto a Palavra de Deus é dom do Pai para o encontro com Jesus Cristo vivo, caminho de “autêntica conversão e renovada comunhão e solidariedade”; a *Lectio Divina* como exercício de leitura

¹⁵ No ponto sobre a espiritualidade trinitária (6.1), o Documento aborda a questão da piedade popular (ponto 6.1.3), entendendo-a como lugar de encontro com Cristo, a partir das palavras de Bento XVI, na Sessão Inaugural da Conferência, que reconhece a riqueza e a profundidade contida nela e onde “aparece a alma de os povos latino-americanos”, e a apresenta como “o precioso tesouro da Igreja Católica na América Latina” (*Aparecida* 258). Assim, a originalidade histórica da religiosidade popular é uma maneira legítima de viver a fé, além dos povos latino-americanos e caribenhos se identificarem com Cristo sofredor, pois nele encontram a sua dignidade (id., 265).

orante da Sagrada Escritura; a Eucaristia, que é um lugar privilegiado de encontro do discípulo com Jesus Cristo, com o preceito dominical, que é viver “o domingo segundo o domingo”; a Liturgia; o sacramento da Penitência e Reconciliação; a oração comunitária e pessoal; uma comunidade viva na fé e no amor fraterno e, em especial, nos pobres, aflitos e enfermos (*Aparecida* 246-257).

Tendo por base a espiritualidade trinitária, inicia-se o processo de formação dos discípulos missionários, que têm os seguintes aspectos: a) o encontro com Jesus Cristo; b) a conversão; c) o discipulado; d) a comunhão; e) a missão. Ele, também, passa pelos seguintes critérios gerais: a) uma formação integral, querigmática e permanente; b) uma formação atenta a dimensões diversas, como a humana e comunitária, a espiritual, a intelectual, a pastoral e missionária; c) uma formação respeitosa do processo, tanto os pessoais quanto os ritmos comunitários, contínua e gradual; d) uma formação que contemple o acompanhamento dos discípulos, pois cada setor do Povo de Deus pede que a pessoa seja acompanhada e formada de acordo com a peculiar vocação e ministério para o qual tenha sido chamada, dando atenção à formação dos leigos e leigas.

O último dos critérios é uma espiritualidade da ação missionária. Por último, talvez, porque seja como que o resultado esperado do processo, enquanto propiciará no discípulo o brotar de uma espiritualidade ativa. Essa espiritualidade se baseia na docilidade “ao impulso do Espírito, à sua potência de vida que mobiliza e transfigura todas as dimensões da existência” (*Aparecida* 284).

Ao analisar os aspectos e os critérios propostos pelo Documento, percebe-se que estes têm como fonte o encontro existencial com Jesus Cristo, entendido e proposto como desencadeador de uma vida nova no discípulo missionário, capaz de motivá-lo e guiá-lo para uma situação diferente, onde a sua vida é vivida a partir da Boa-Nova anunciada por Cristo e em comunidade, buscando a maturidade no amor e no seguimento.

O Documento propõe que o processo formativo siga os passos da iniciação da vida cristã e da catequese permanente. Nesse processo, os fiéis que não participam se tornam um grande desafio para a ação pastoral, enquanto se contentam com o Batismo recebido algum dia, mas não se sentem suficientemente motivados para um engajamento em uma comunidade eclesial. O processo de iniciação cristã é entendido como colocar o discípulo em contato com Jesus Cristo e iniciá-lo no

discipulado (*Aparecida* 288). É a primeira iniciação nos mistérios da fé, em forma de catecumenato, também na forma de catecumenato pós-batismal para os batizados não suficientemente catequizados. Por isso, ele deve começar pelo querigma, propiciar uma experiência pessoal, sempre tendendo ao crescimento, pois é um processo permanente.

Para tal, a catequese deve ser um “itinerário catequético permanente”, não só ocasional, o que exigirá a renovação da modalidade catequética da paróquia, para assumir o processo catequético adotado pela Igreja. É que a formação teológica e pedagógica dos catequistas não costuma ser a desejável (*Aparecida* 296), diante dos desafios atuais, que requerem uma identidade católica mais pessoal e fundamentada. Por isso, ela não se pode limitar a ser doutrinal, mas precisa ser uma verdadeira escola de formação integral.

Os lugares de formação para os discípulos missionários são a família, como primeira escola de fé e “patrimônio da humanidade”, que constitui um dos tesouros mais valiosos dos povos latino-americanos; as paróquias, devido a sua dimensão comunitária, reflexo da Santíssima Trindade; pequenas Comunidades Eclesiais; os movimentos eclesiais e novas comunidades; os seminários¹⁶ e casas de formação religiosa e a educação católica.

5 A continuidade com as Conferências anteriores

Desde o tempo da preparação, já se havia tornado senso comum que esta nova Conferência deveria estar em continuidade com as anteriores. Não se tratava de negar as anteriores, mas confirmar o

¹⁶ O Documento dá muita atenção aos seminários e casas de formação, diante da escassez de pessoas que respondam à vocação ao sacerdócio e à vida consagrada. Por isso, urge dedicar cuidado especial à promoção vocacional, cultivando os ambientes onde nascem as vocações. Também faz um chamado urgente a todos os cristãos, especialmente aos jovens, para que estejam abertos a uma possível chamada de Deus. Entende que os seminários e as casas de formação são lugares privilegiados de formação de discípulos e missionários. Daí deve dar maior atenção aos projetos de formação dos seminários, que seja integral: humana, espiritual, intelectual e pastoral, centrada em Jesus Cristo Bom Pastor. Durante a formação, deve ser desenvolvido um amor terno e filial a Maria. Também deve atender ao processo de formação humana para a maturidade. O seminário deverá oferecer formação intelectual séria e profunda, no campo da Filosofia, das ciências humanas, especialmente da Teologia e da Missiologia, a fim de que o futuro sacerdote aprenda a anunciar a fé em toda a sua integridade, fiel ao Magistério da Igreja, com atenção crítica, atento ao contexto cultural de nosso tempo e às grandes correntes de pensamento e de conduta que deverá evangelizar.

Magistério da América Latina. O mesmo intuito foi reafirmado pelo Papa Bento XVI, em seu discurso inaugural, que, além disso, quis marcar a especificidade de Aparecida: “Com o mesmo espírito que as animou [Rio de Janeiro, Medellín, Puebla e Santo Domingo], os pastores querem dar agora um novo impulso à evangelização, a fim de que estes povos continuem crescendo e amadurecendo em sua fé, para ser luz do mundo e testemunhas de Jesus Cristo com a própria vida”.¹⁷

Aqui já se vislumbra um objetivo bem determinado para a V Conferência: dar novo impulso à evangelização. As Conferências anteriores tiveram, também elas, por sua vez, idêntico objetivo. Todavia, a situação da sociedade é diferente do que em Santo Domingo,¹⁸ o que exige uma postura diferente do que a tomada anteriormente. E é o que aconteceu agora, com a proposta da missão continental, como está claro no capítulo sétimo do Documento final.

A recuperação do método “ver, julgar e agir”, perdida na Conferência de Santo Domingo, é outro aspecto que mostra a continuidade com as Conferências anteriores. Com isso, é retomada uma forma específica de analisar, refletir e se posicionar pastoralmente diante da época mudada, vivida pela Igreja neste já iniciado novo milênio, onde o fenômeno da globalização apresenta aspectos positivos e traços negativos, com conseqüências desastrosas para o Continente.

A presença das opções pastorais das Conferências anteriores, de modo especial, a opção preferencial pelos pobres, contrariando vozes que afirmavam o abandono premeditado das mesmas, reafirma o caminho pastoral trilhado pela Igreja da América Latina e do Caribe nos últimos decênios do século vinte. As palavras do Papa foram fundamentais para tal, particularmente quando ele afirma que a “opção preferencial pelos pobres está implícita na fé cristológica”.¹⁹

Nesse sentido, Aparecida se une às Conferências anteriores na promoção da dignidade humana e na defesa integral da vida humana,

¹⁷ PAPA BENTO XVI, Homilia na Santa Missa de inauguração da V Conferência Geral do Episcopado da América Latina e do Caribe na praça em frente ao Santuário de Aparecida (13 de maio de 2007), n. 2 (p. 61-62).

¹⁸ É o que afirma o Papa Bento XVI (cf. PAPA BENTO XVI, Homilia na Santa Missa de inauguração da V Conferência Geral do Episcopado da América Latina e do Caribe na praça em frente ao Santuário de Aparecida (13 de maio de 2007) n. 2 (p. 61-62).

¹⁹ Cf. PAPA BENTO XVI, Homilia na Santa Missa de inauguração da V Conferência Geral do Episcopado da América Latina e do Caribe na praça em frente ao Santuário de Aparecida (13 de maio de 2007), n. 3 (p. 65).

como está claro no capítulo oitavo, acrescentando que se deve criar uma “cultura da vida”, de acordo com o tema da própria Conferência de Aparecida. A defesa da vida e da dignidade humana se torna um sinal inequívoco da chegada do Reino de Deus, porquanto Jesus Cristo é resposta aos desejos dos povos da América latina e do Caribe (cf. *Aparecida* 381).

Para concluir estas linhas, pode apontar-se a necessidade de conversão pastoral, que significa novas atitudes pastorais para se conseguir a renovação missionária. A abordagem desse aspecto encontra-se no ponto 7.2 (n. 365-372), que integra a terceira parte do Documento. O Documento de Aparecida é parte de um processo já existente na América Latina e no Caribe. O texto do Documento é suficientemente aberto e iluminador a ponto de disponibilizar caminhos para quem quer continuar a trilhar a estrada traçada pelas Conferências anteriores. Aliás, cabe a cada agente de pastoral, ou seja, a cada discípulo missionário do Continente colocar em prática o que está no Documento de Aparecida. Sem isso, *Aparecida* será letra morta. Todavia, ninguém deixará extinguir o Espírito, conforme Paulo advertia a Timóteo (cf. 2 *Tm* 4,1-5).

Por fim, desejo que a controvertida questão em torno das alterações do Documento²⁰ não prejudique a sua recepção, mas, ao contrário, suscite o conhecimento do documento e a sua aplicação no Continente.

²⁰ Ver pronunciamento do então Secretário do CELAM, Dom Andrés Styanovnik, no dia 27 de agosto de 2007, onde relata o que aconteceu com o Documento após o término da V Conferência e os procedimentos para a aprovação final no Vaticano (www.zenit.org).